

ENFOCANDO A HOMOSSEXUALIDADE NAS ESCOLAS

CELINA CELIA FURLAN CORREA

celinaceliafurlan@seed.pr.gov.br

Professora PDE, licenciada em Ciências pela FAFICOP – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio – PR, com habilitação em Física pela UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista – SP e especialização em “Física para o Ensino Médio” pela UEL – Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora PDE: Virginia Iara de Andrade Maistro.

LONDRINA

2008

RESUMO

Este artigo trata da implementação da proposta de trabalho – “enfocando a homossexualidade nas escolas”, tendo como objetivo desmistificar as informações que muitos dos nossos alunos trazem sobre sexualidade e em particular sobre homossexualidade. Os dados foram coletados através de questões respondidas anonimamente pelos alunos, professores e equipe pedagógica, sendo que as respostas foram analisadas e debatidas com os envolvidos para esclarecer as dúvidas e corrigir idéias pré-concebidas que não tinham fundamentação científica. Constatou-se que existe grande diversidade de pensamento sobre o tema homossexualidade, e pode-se observar que o mesmo é carregado de dúvidas, angústias e preconceitos e que existe dificuldade ao se trabalhar o assunto devido à resistência dos padrões morais, éticos e religiosos que muitos carregam.

Palavras chave: homossexualidade, educação sexual, sexualidade, escola, família.

ABSTRACT

This article deals with the Implementation of the Proposal of Work in the school - "focusing on the homosexuality in the school They had been collected given through questions answered anonymously for the pupils, professors and pedagogical team, being that the same ones had been analyzed and debated with the same ones to cure the doubts and to correct preconceived ideas that did not have scientific recital. It still evidences, that great diversity of thought exists enters these on the subject homosexuality, being able it self to observe that the same he is loaded of doubts, you distress and preconceptions and that it exists difficulty to if working the subject due to resistance of the moral standards, ethical and religious that many load.

Words key: homosexuality, sexual education, sexuality, school, family.

INTRODUÇÃO

É inegável a importância do estudo sobre sexualidade na vida dos seres humanos, pois ela é experimentada ou revelada em expectativas, imaginações, anseios, crenças, posturas, valores, atividades práticas, papéis e convivências. Abrange, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. É uma das dimensões do ser humano que abarca gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução.

Hoje já há uma preocupação em se discutir a sexualidade dos jovens nas instituições escolares, buscando não só explicar os aspectos biológicos da sexualidade, mas aspectos médicos e aspectos psicológicos por meio da educação sexual. Estamos mais conscientes e conhecedores de que a sexualidade se faz presente em todas as etapas de nosso desenvolvimento como ser humano e à medida em que passamos a refletir sobre ela e a conhecemos melhor, isso nos proporciona acréscimos de autoconfiança e auto-estima melhorando a qualidade de vida e de relacionamento interpessoal. A sexualidade se manifesta diariamente em momentos aparentes e outros não; por isso é necessário falar deste assunto como qualquer outro, apesar de sabermos dos limites e das possibilidades que se encontram no âmbito escolar. (MAISTRO, 2006)

E os limites se tornam ainda maiores quando o tema central das discussões é a homossexualidade, que apesar de tantos avanços na educação em se discutir assuntos relacionados à sexualidade o mais abertamente possível, mas quando se trata da questão central deste artigo, muitos educadores se sentem inseguros e sem embasamento teórico. Faltam estratégias específicas que os induzam a uma tarefa que promova um desenvolvimento efetivo de uma educação sexual. Acreditam que a educação sexual é imprescindível à formação do educando. Porém, encontram dificuldades ao trabalhar com a homossexualidade, a qual está presente em nossas vidas, tanto nas escolas, como na sociedade em geral.

“Os professores encarregados de educação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. Se o lar está falhando neste campo, cabe à escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores” (TELES, 1992).

Cada um carrega dentro de si preconceitos, valores, medos e tabus. E o que dizer ou fazer quando em nossa sala de aula nos deparamos com este assunto? Torna-se então necessária uma educação sexual que busque a formação científica e que traga práticas que levem o indivíduo a ter uma vida digna e a ser um cidadão respeitado e que saiba respeitar as diferenças dos outros.

[...] o trabalho de Educação Sexual na escola, implica em planejamento e ações pedagógicas sistemáticas. Não se trata de palestras, semanas especiais, de cartazes pregados nos murais, mas sim de um canal permanentemente aberto para que as questões sobre a sexualidade possam ser discutidas com crianças e adolescentes, de maneira séria, clara e ampla. (MAISTRO, 2006, p. 6).

O ser humano ao nascer não traz a condição de ser heterossexual. A sociedade é que o faz ser homem ou mulher. É uma questão cultural que varia de povo para povo e que muda ao longo do tempo dentro de uma mesma sociedade, é algo natural, sem causa definida e encontrada em todos os povos.(MOTT, 2003). Assim, torna-se essencial que a família, a sociedade, a escola, o aluno e o professor estejam preparados para que, no momento em que as dúvidas e os problemas surgirem, eles possam ser encarados da maneira mais natural possível. Precisamos levar em conta a estrutura de cada um, observando que o professor deve ter cuidado para não colocar suas emoções e deixá-las induzir seu trabalho. O educador deve ter uma atitude positiva e sadia em relação à própria sexualidade, para que ele possa ser capaz de tratar de forma natural às questões apresentadas.



A família é responsável pela base em que a construção da sexualidade de cada um se apóia, seja ela participante ou omissa, liberal ou repressora, e daí, resultam práticas sexuais mais ou menos sadias ou patológicas causadoras de alegria ou angústia. (GIMENES, 2002, p. 39).

Muitos se sentem atraídos por pessoas do sexo oposto (heterossexualidade), que é o comportamento esperado pela sociedade em geral. No entanto, alguns sentem atração por pessoas do mesmo sexo (homossexualidade), que embora menos freqüente, não é assim tão incomum. Existem múltiplas variáveis envolvidas no complexo campo da escolha sexual de cada um, muitas dúvidas ainda estão em aberto nesta área e pesquisas vêm sendo realizadas há décadas com o intuito de se

esclarecer estas questões. O ser humano se apresenta como um ser de relações que necessita amar, ser amado, interagir com pessoas, construindo uma auto-imagem positiva, que lhe permita potencializar sua capacidade de sentir, ter prazer, sorrir, dar, compartilhar e receber, aprendendo a respeitar-se, ser respeitado e respeitar o outro.

É sabido que a homossexualidade ocorre em ambos os sexos. Porém, o lesbianismo ainda tem menos notoriedade devido a fatores culturais. A sociedade não estigmatiza tanto a intimidade sexual entre mulheres, como o faz em relação aos homens. Existe um preconceito amplamente difundido de que qualquer tipo de atividade sexual precisa da participação de um pênis, e num envolvimento entre mulheres isto nem sequer é considerado como possível. As mulheres podem usar roupas masculinizadas, mas, se suas atitudes e maneiras não forem muito exageradas, ninguém presta muita atenção a elas; homens que se vestem com roupas mais femininas, ou se comportam de maneira afeminada, entretanto, tornam-se imediatamente suspeitos. A garota masculinizada não é tão marginalizada, enquanto o menino com personalidade menos viril é, com freqüência, rejeitado.

Entretanto, esta atitude de tentar compreender a homossexualidade trouxe conseqüências, tais como, a transformação do comportamento sexual em identidade (o homossexual transforma-se em um personagem). O sujeito passou a ser identificado a partir de sua prática sexual (julgado, rechaçado, aceito, valorizado). Enfim, ele era apenas o homossexual e não o professor, o médico, o advogado, etc. Dentre as pessoas que se sentem atraídas por indivíduos do mesmo sexo, encontramos, da mesma forma que entre os que o são pelo outro sexo, pessoas suaves e pessoas rudes, inteligentes e menos brilhantes, que possuem religião e ateus, com curso superior e sem estudo. No entanto, mesmo pessoas esclarecidas, acreditam que de acordo com a atividade sexual da pessoa ela deve ter maneiras diferentes de falar, de agir, de se vestir e que isto reflita na sua honestidade, confiabilidade e estabilidade emocional.

Tratar a homossexualidade como um desvio de conduta, pecado, perversão, depravação e outros tantos adjetivos é uma visão reducionista e preconceituosa que deixa fora do debate as verdadeiras questões éticas. Quando se busca o prazer sexual foge-se da ordem da natureza (procriação). Embora possam ser encontradas inúmeras explicações na literatura psiquiátrica e psicanalítica sobre as origens de

casos específicos de homossexualidade não existe ainda nenhuma constatação que possa explicar adequadamente todos os comportamentos homossexuais.

Os jovens de hoje podem falar sobre homossexualidade, ter acesso a diversas fontes de informação e ainda assim, existem risos, gozações e reprimendas que acompanham a maioria das manifestações verbais que envolvam a homossexualidade, que é vista como algo fora dos padrões ditos normais da sexualidade, como a preservação da espécie. Daí costuma-se taxá-la de perversão, ou seja, uma prática sexual contra os padrões da natureza.

Abordar o tema homossexualidade nas escolas, dentro de programa de educação sexual, implica em planejamento e ações pedagógicas sistemáticas. Não se trata de palestras, semanas especiais, de cartazes pregados nos murais, mas sim de um canal permanentemente aberto para que as questões sobre a sexualidade possam ser discutidas com as crianças e adolescentes, de maneira séria, clara e ampla. Segundo as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, o estudo da sexualidade do aluno, que está inserida no conteúdo estruturante Corpo Humano e Saúde, deve permitir que ele promova o conhecimento científico para além do senso comum e que ele conheça e compreenda seu corpo revendo suas atitudes e seu comportamento em relação à sociedade e à comunidade em que está inserido.

É fundamental que a escola possa ajudar na formação da identidade e possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso, porque todo mundo sabe que a sexualidade é fator essencial na questão da identidade: o “ser menino” ou o “ser menina”, o que é ser homem ou mulher, os comportamentos e ações de cada gênero. Essas são as primeiras questões que aparecem para as crianças na escola e têm a ver com essa identidade básica com a formação de sua personalidade. É importante trabalhar com um conceito amplo de relações de gênero, que mostre que há infinitas formas de ser homem e de ser mulher e de expressar isso. (EGYPTO. 2003, p.1

Um projeto de educação sexual em uma escola deve ser realizado, pois por meio de reflexões sérias, pode levar o aluno a escolher os caminhos que tornem sua vida menos traumática. Neste projeto deve estar inclusa a ética e a cidadania; deve-se produzir conhecimentos científicos a partir dos conhecimentos prévios sobre sexualidade; permitir aos alunos que expressem seus valores e suas dúvidas; informar sobre temas como DST, uso de preservativos, prazer sexual e responsabilidade, diversidade sexual, entre outros; mostrar que todos podem ter

uma vida plena e digna, apropriando-se da cultura e da cidadania; libertar os alunos da ignorância, do preconceito, da alienação e das falsas consciências, buscando desenvolver as potencialidades de cada um.

A educação sexual não pode estar dissociada da família, da escola, e da sociedade. Todos têm responsabilidade quanto a ela. E a escola não pode fugir desta responsabilidade, mesmo que a família se ausente nesse sentido, é responsabilidade e dever dela discutir o assunto com seus alunos, fingindo que isto não é de sua alçada e que não se manifesta em seu interior.

Buscar uma prática mais reflexiva para entender a importância da educação sexual nas instituições é necessário para que as mesmas tenham educadores preparados para desempenhar de forma significativa no sentido de que os alunos possam superar as suas dúvidas, ansiedades, angústias, pois “A criança chega à escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. As dúvidas, as crenças e posições negativas serão transmitidas aos colegas”. (SUPLICY, 1990),

Quando se fala em educação sexual deve-se pensar numa intervenção localizada, organizada, sistematizada, que tenha a participação de profissionais treinados para esse trabalho, com formação específica para esta função evitando que haja apenas informação sexual que é uma pura e simples reprodução de definições e conceitos de biologia, pois, segundo Ribeiro (1990, p. 20), “o orientador sexual é o agente transformador e multiplicador de valores e comportamentos dos indivíduos, grupos e da sociedade como um todo e este deve, antes demais nada, acreditar em sua proposta e na necessidade de se levar para a sala de aula o debate sobre sexualidade e homossexualidade”.

OBJETIVOS

Este artigo tem como objetivo incutir no leitor uma reflexão crítica sobre a homossexualidade e a educação sexual, incentivar o debate e a livre expressão, respeitando os diferentes pontos de vista expressados, levar os alunos a compreenderem os diferentes comportamentos sexuais existentes na sociedade em geral.

É necessário, também, discutir os pontos que determinam as diversas atitudes perante a homossexualidade nas várias culturas existentes e transcender os mitos que envolvam a homossexualidade.

Este artigo tem como objetivo levar o leitor a uma reflexão crítica sobre a homossexualidade e a educação sexual.

Desenvolver uma atitude mais humana de respeito e compreensão perante todos os semelhantes sem nos importarmos com a forma como realizam sua vida íntima e reduzir ou acabar com a visão preconceituosa que estigmatiza os homossexuais é dever e direito de todo ser humano. A educação sexual também deve incluir a ética e a cidadania na sexualidade do educando deixando que ele tire suas próprias conclusões em vez de impor as nossas como únicas, verdadeiras, absolutas e incontestáveis.

Muito importante também é demonstrar o fato de que a homossexualidade hoje está sendo encarada de forma diferente da que era pensada antes. Deve-se mostrar a evolução do quadro histórico nas sociedades em geral.

Este projeto partiu do seguinte questionamento: Por que é necessário trabalhar a homossexualidade na escola? Esta indagação não passa despercebida nos bancos escolares. Às vezes encontramos um ou mais casos em uma mesma sala de aula. Cada vez mais encaramos a homossexualidade em nosso dia-a-dia. Não mais podemos reduzir a sexualidade à genitalidade ou ao aspecto fisiológico, esta passou a ser vista como um relacionamento humano mais abrangente, que envolve um sentido social, psicológico e cultural do ser humano.

As aulas de Ciências discutem o corpo humano de uma forma assexuada. A afetividade, o desejo e a sexualidade são deixados de lado. A ação pedagógica do projeto pressupõe o respeito ao outro, o sigilo e que se considerem as diferenças e se dêem oportunidades para que todos se expressem e construam conhecimentos que possibilitem a reflexão e a participação conjunta.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Para se ter noções dos conhecimentos prévios dos alunos sobre homossexualidade foram elaboradas questões que se referiam a fatos cientificamente comprovados ou a mitos da nossa sociedade. As questões foram

respondidas individual e anonimamente pelos mesmos. A finalidade era suscitar idéias que dessem origem a debates e não medir o conhecimento dos alunos. Nas afirmações que se seguem deveriam responder apenas SIM ou Não, estimulando os mesmos a não deixarem questões sem resposta.

1. Alguns adolescentes passam por algum tipo de relacionamento homossexual?
2. A homossexualidade já existia na Antigüidade?
3. Existem mais casos de homossexualidade entre homens do que entre mulheres?
4. Todos os homens homossexuais são “afeminados”?
5. Todas as mulheres homossexuais são “masculinizadas”?
6. Todos os homens que têm aparência “afeminada” são homossexuais?
7. Todas as mulheres que têm aparência “masculinizada” são homossexuais?
8. Em casais homossexuais, um dos parceiros sempre assume o papel masculino e o outro o feminino?
9. Todos os homossexuais são desajustados e neuróticos?
10. Na maioria das profissões os homossexuais encontram grandes dificuldades?
11. Grande parte dos homossexuais prefere manter sua sexualidade em segredo?
12. A homossexualidade é uma doença?
13. Ultimamente, os homossexuais vêm sendo mais aceitos?

As respostas, que deveriam ser colocadas diante do conhecimento científico, pelos alunos, são as seguintes:

1. Sim. É bastante comum que os adolescentes passem por algum tipo de relacionamento homossexual, sobretudo durante a puberdade. (O educador não deve discriminar o aluno para não chocar o mesmo e muito menos dar tanta importância ao fato).
2. Sim. Em países como a Grécia e Roma, essa forma de comportamento era aceita socialmente.
3. Sim e não. A questão é controvertida. Não existe embasamento científico de dados. É possível que a mulher manifeste menos sua homossexualidade porque ela é mais reprimida sexualmente do que o homem, no entanto, o lesbianismo pode estar menos perceptível nas mulheres porque as manifestações de carinho entre elas são aceitas com mais naturalidade.

4. Não. Alguns homens são mais sensíveis que outros e podem ser mal interpretados.
5. Não. Algumas mulheres se comportam de maneira masculinizada por terem buscado espaços que antes eram destinados somente aos homens e por terem que fazer coisas que antes das conquistas feministas não eram de sua alçada.
6. Não. O modo de se trajar e os gestos da pessoa não condizem com sua escolha sexual.
7. Não. A resposta pode ser a mesma da pergunta número cinco.
8. Não. Pode ser que isto ocorra com alguns casais homossexuais, mas não com todos.
9. Não. Antigamente a homossexualidade era taxada de doença, porém, o homossexual pode ter maior dificuldade em se ajustar à sociedade, pela rejeição que esta lhe impõe.
10. Sim. Existem profissões que exigem uma postura feminina ou masculina. No entanto, alguns homossexuais masculinos podem se sair bem em “profissões” femininas.
11. Sim. Com medo da reprovação social. Ele corre o risco até de perder um emprego se forem descobertas suas preferências sexuais.
12. Não. Essa idéia existiu no passado, devido a enfoques preconceituosos que foram dados à homossexualidade.
13. Sim. Devido aos movimentos gays que se tornam cada vez mais expressivos

As questões que se seguem deveriam ser respondidas conforme o entendimento do aluno:

1. O que você entende por homossexualidade?
2. Você considera a homossexualidade normal?
3. Você conhece algum caso de homossexualidade em sua comunidade?
4. Você acredita que uma pessoa escolha ser homossexual?
5. Em sua opinião, os homossexuais gostam de ser assim?
6. Se uma pessoa é homossexual, ele pode vir a não ser mais homossexual?
7. Você aceita a homossexualidade?
8. O que você pensa e faz quando encontra um homossexual?
9. Alguns países aceitam casamentos entre homossexuais?

10. E quanto à adoção, você aceita que casais homossexuais possam adotar crianças?

Depois de reunidas e analisadas as questões respondidas pelos alunos, foram utilizadas outras aulas para o esclarecimento e debate das respostas, conforme os padrões estabelecidos atualmente sobre homossexualidade.

Quanto aos profissionais da educação, os mesmos responderam algumas questões referentes ao que é observado e pensado pelos mesmos, tais como:

1. Você acha que se deve executar um projeto sobre homossexualidade nas escolas?
2. Nesta área, existe algum projeto sendo desenvolvido neste estabelecimento de ensino?
3. Quais os problemas que você poderia assinalar que ocorrem nos estabelecimentos de ensino, relacionados à homossexualidade, entre os alunos?
4. Você acredita que após um projeto de trabalho sobre homossexualidade ser desenvolvido na escola, alguns problemas nesse sentido possam ser resolvidos?
5. Quais as sugestões que você colocaria para o desenvolvimento de um projeto eficiente e com bons resultados?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse levantamento de questões, que possibilitaram reflexões, foi muito importante para se introduzir o termo educação sexual na escola e iniciar um projeto de investigação das possibilidades de se trabalhar tal assunto, pois a metodologia participativa é essencial para bons resultados.

A interdisciplinaridade foi outro fator de suma importância. O envolvimento de outros professores e disciplinas, como português, geografia, matemática, inglês, artes, educação física, história, entre outras, bem como da equipe pedagógica aperfeiçoaram os resultados. Muitas dúvidas foram esclarecidas, mitos foram derrubados e uma maior aceitação passou a ser percebida por alguns alunos.

Nesse sentido, preocupados com a formação sexual dos alunos, os professores e a equipe pedagógica das escolas têm dado maior atenção a esse

assunto. Porém surge uma dúvida: “Qual seria a melhor forma de educar os alunos e o que colocar como prioridade em relação às informações sexuais”?

Como se pode perceber é do conhecimento de todo educador e até mesmo dos pais que não existe uma receita pronta para formar bons alunos e/ou bons filhos. No entanto, o educador sendo mediador do conhecimento deve buscar se aperfeiçoar em relação à sua área de atuação.

Tratando-se da educação sexual, o educador deve buscar o maior número de informações e experiências que possam ser passadas para o aluno de forma que venha enriquecer as suas informações a respeito do assunto, propiciando a eles uma vida sexual prazerosa e, acima de tudo, com muita responsabilidade. Deve ser uma pessoa coerente com a sua proposta, que não queira inculcar valores nos alunos e, sim, analisar com os mesmos as diversas situações e visões que existem sobre o tema. A escola é tida como um importante complemento, isso quando bem orientada. Os jovens, apesar de muitas vezes não demonstrarem, são extremamente necessitados de conceitos morais e do amparo familiar que, quando realizados de forma coerente, proporcionam a formação de homens e mulheres de valores, que sejam exemplos para a sociedade.

Os educadores em parceria com a família são fundamentais na formação sexual da criança. A família deve ser orientada, visto que ela é a fonte principal da formação, da base da criança, para que proporcione uma vida moralmente sadia, inclusive sendo responsável em passar um conhecimento adequado da sexualidade humana. Sabe-se que a boa educação começa em casa, visto que os pais geralmente buscam a felicidade e conseqüentemente o sucesso de seu filho.

Quando realizamos uma pesquisa de campo e analisamos os resultados verificamos que as formas como os pais lidam com a própria sexualidade interfere de maneira importante no modo com que os filhos desenvolvem sua identidade sexual.

Desta maneira pode-se dizer que há muito que se fazer no sentido de se auxiliar os pais a lidarem melhor com a própria sexualidade e, com isso, com a sexualidade dos filhos. Podemos proporcionar a esses pais muitas coisas, tais como palestras, discussões, seminários, entre outros, para que eles possam incrementar sua própria vivência sexual. Se os pais não buscam um maior auto-conhecimento quanto à própria sexualidade, a tendência será evitar o contato desta com os filhos. Então, essa criança vai procurar em revistas, televisão, jornal, entre os amigos, a

informação de que necessita e se tiver oportunidade vai buscar ajuda com adultos, o que é relativamente raro, mas grande parte vai guardar dentro de si suas dúvidas e medos. Daí a importância da educação sexual na escola.

Para uma melhor compreensão sobre a educação sexual, buscamos pela fala de Suplicy (1990) que diz: “educação sexual é aquela que toda família, escola e sociedade como um todo fazem desde antes do nascimento”. Envolve a moral sexual vigente na família e na sociedade, envolve a maneira de se ver a masculinidade e a feminilidade, envolve, enfim, as expectativas sobre a vida social. O professor em sua formação acadêmica não apreende conhecimentos básicos para lidar com estas situações, as quais poderiam ser contornadas de uma forma natural e por vezes criam uma situação embaraçosa para o aluno, pois comentam entre eles, chamam os pais à escola, já que acreditam que estão ali para formar pessoas e cidadãos heterossexuais.

O debate das questões propostas é uma das melhores formas de se esclarecer o próprio sistema de valores e o da comunidade. O educador deve ter as informações necessárias para responder o que lhe é perguntado, revisando suas atitudes em relação ao tema. Ele não deve realizar um confronto consigo mesmo, puxando o assunto para um lado ou para o outro. Antes da realização do debate este deve realizar leituras, informar-se sobre as mesmas e ter confiança no que está passando.

O homossexual é discriminado em todas as dimensões: familiar, psicológica, moral, religiosa, profissional, cultural, pois como tal, a escola prolonga a homofobia existente na sociedade, com conceitos retrógrados da igreja, da ordem moral e familiar. “Muitos jovens se dizem “modernos”, mas quando se trata desse assunto se mostram muito caretas”.

Tem-se atualmente muita informação sobre sexualidade, mas pouca possibilidade para que o jovem as elabore e as transforme em conhecimento. O preconceito e a desinformação estão impregnados nos alunos. E é difícil ajudar um aluno se a escola não estiver aberta para esta realidade. Quando questionadas sobre a possibilidade de relacionamentos homossexuais, as escolas não têm como resolver o assunto, pois não contam com pessoal apto a elucidar isto. Como disse uma professora da escola onde foi aplicado o projeto “... precisamos de psicólogos que atendam estes casos. Não sabemos como resolver isso”. Como se trata de uma escola pública, esta não tem profissionais habilitados que possam ajudar os alunos.

Nesta escola já aconteceram projetos onde estagiários de psicologia de faculdades das cidades vizinhas atenderam alguns alunos e obtiveram bons resultados.

Alguns alunos desta escola também possuem dificuldade para tratar deste tema. Grande parte convive no seu cotidiano com a homossexualidade e conhece suas implicações, e ao responder ao questionário proposto, tiveram medo de se colocarem e serem mal interpretados por outras pessoas que poderiam pensar que ele era gay por estar discutindo sobre o assunto. Muitos não possuem opinião formada ou as possuem de uma forma errônea. A maioria dos entrevistados mantém contato com homossexuais assumidos, os quais são parentes, amigos ou conhecidos destes. Grande parte disse que tinham preconceito, mas deixaram de lado depois de terem contato pessoal com os mesmos. “Eu tinha medo de conversar com alguém homossexual e as pessoas dizerem que eu também era gay”, diz o aluno B sobre o assunto. Isto mostra que a sociedade aos poucos vem ficando mais aberta para assuntos do gênero, mas esta é uma questão que tem um longo caminho a percorrer.

Um aluno homossexual da turma 1 gosta de pintar os olhos, usa batom e pinta os cabelos como os de uma garota. Isto fez com que ele encontrasse muitos problemas com outros alunos, já que ele era alvo de gozação da sala de aula e do colégio como um todo, principalmente pelos meninos. Ao mesmo tempo, sua amiga, que também é homossexual e se traja como homem, não era tão desrespeitada como ele, demonstrando que o homem homossexual é mais discriminado que a mulher. E isto, acontece em todas as dimensões: familiar, psicológica, moral, religiosa, cultural, política, profissional e social. O professor em sua formação acadêmica não apreende conhecimentos básicos para lidar com estas situações que poderiam ser contornadas de uma forma natural. Muitas vezes criam uma situação embaraçosa para o aluno, comentam entre eles e chamam os pais, pois aprenderam que estão ali para formar pessoas e cidadãos heterossexuais, pois como tal, a escola prolonga a homofobia cultural da sociedade, com conceitos retrógrados de ordem moral e familiar. Muitos se dizem “modernos”, mas quando se trata desse assunto se mostram “caretas”.

Fala-se atualmente muito sobre sexualidade, mas existe pouca informação para que o jovem elabore e transforme tudo isso em um conhecimento que dê a ele uma maior possibilidade de exercer escolhas acertadas na sua existência.

Neste contexto indagamos como a educação sexual pode vir a ajudar o adolescente quando este entrar na fase de descoberta da sua sexualidade, que é quando toda a sua atenção e energia acabam por ficar concentradas nisto. Se na escola se reserva um espaço de discussão sobre o assunto, isto tende a se minimizar, o jovem descobre que determinadas coisas ele poderá discutir no lugar e no momento apropriados. Não que vá deixar de pensar nisso durante as outras aulas, mas deste modo, não ficam somente com ele as dúvidas e inquietações. Assim, ele pensa: será que isso está acontecendo somente comigo? Quando o jovem reparte com pessoas confiáveis os seus problemas, divide aquelas ansiedades e aquelas angústias tão comuns a todos e ele se sente um pouco mais aliviado, tornando-se um ser humano com maiores possibilidades de exercer sua curiosidade de forma mais abrangente.

A educação sexual, feita de forma coerente, o aluno vai poder discutir que a vida não é só sexo, que este é apenas um dos aspectos da vida; terá um pouco mais de liberdade para se mover nos campos que a vida exige, mas principalmente quebra essa coisa de que é só com ele que as coisas estão acontecendo, que o tabu traz.

O ponto crucial deste artigo se encontra na questão de como devemos tratar a homossexualidade dentro da educação sexual e se devemos tratar esse tema. Está claro que, através das indagações observadas pelos alunos, deve-se trabalhar tal assunto, já que ele está presente na vida do adolescente, que faz sua escolha (ou sua descoberta) a partir de seus próprios valores ou a partir dos valores culturais do ambiente em que vive. Quanto mais essa escolha for feita a partir dos valores dele melhor.

Paradoxalmente, isso dificulta ainda mais para o jovem escolher o próprio caminho, e nos obriga a estarmos cada vez mais atentos a esse tema. Mas esse não deve ser o principal motivo de um trabalho regular de educação sexual. Esse trabalho deve se destinar principalmente a proporcionar ao jovem um maior conhecimento de sua sexualidade, e, a partir disso, um maior conhecimento de si mesmo. Desta forma estaremos colaborando para que ele possa ser um cidadão mais consciente e responsável, um ser humano mais capaz de amar e de respeitar o outro e o mundo onde vive.

Diante de toda essa problemática, pode-se dizer que há muito que fazer para que no decorrer dos próximos anos nossa sociedade aprenda a se compor com as

exigências da sexualidade sem preconceitos e tabus, para que haja crescimento através de discussão, reflexão e revisão de conceitos que resultem em pessoas melhores e mais felizes.

Neste contexto pode-se dizer que a educação sexual não deve ser ater apenas em passar informações sobre sexo, mas sim, demonstrar a valorização do contato pessoa/pessoa, da transmissão de valores, atitudes e comportamentos. Sendo assim, é muito importante observar se os educadores estão preparados psicologicamente para falar sobre sexo, pois a maioria não teve em sua formação acadêmica ou continuada momentos que os preparasse para viver esta situação.

No entanto, o que se percebe é que seu conhecimento está relacionado em curiosidades de revistas e troca de informações com colegas, ou na leitura de livros que só dizem respeito ao biológico, sem levar em conta o respeito, sentimentos e emoções.

O que devemos ressaltar ainda é que os professores não devem transmitir seus próprios valores e opiniões como verdade absoluta. Sabemos que é impossível ficar totalmente isentos de opinar, mas é importante que as questões sejam lançadas, refletidas e discutidas.

Outro ponto relevante no papel do professor se encontra no esclarecimento dos limites, mencionando algumas questões relevantes como o que se pode fazer em locais públicos e privados para que nestas condições a intimidade seja preservada. É importante que o educador compreenda que o adolescente tem o direito de preservar sua intimidade e que para discutir questões relativas à homossexualidade, não é preciso revelar ao todo fatos que só a ele dizem respeito, entendendo que esta postura não representa um fechamento, mas revela o direito de construir para si mesmo uma vida privada. A experiência mostra que escolas que tiveram bons resultados com a educação sexual relatam aumento do rendimento escolar, devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos.

CONCLUSÃO

Os alunos se mostraram muito interessados em discutir esse tema que é de grande interesse de todos. Os debates se deram em clima de animação e controvérsias.

Certos itens do questionário e dos debates foram mais empolgantes como as perguntas de número cinco e seis, que falam dos modos das pessoas: (Todos os homens homossexuais são “afeminados” e todas as mulheres “masculinizadas” são homossexuais). O item que fala sobre os relacionamentos homossexuais que alguns jovens passam na puberdade chocou alguns, que se sentiram envergonhados, pois questiona suas próprias experiências.

A questão sobre a adoção de crianças por casais homossexuais gerou muita polêmica por ser um assunto atual, o qual está sendo aceito em muitos países mostrando uma maior aceitabilidade da homossexualidade por parte da sociedade em geral.

As respostas dos alunos variaram bastante, porém revelaram em muitos casos, os mitos existentes em torno da homossexualidade, dando margem a um trabalho em sala de aula muito gratificante por ter colocado o conhecimento científico ao lado do empírico e por ter chegado a um consenso entre os mesmos de que muito do que se fala ou do que se ouve não é a realidade dos fatos.

Os professores e a equipe pedagógica, por sua vez, fizeram a sua parte, trabalhando e orientando os alunos em questões que surgiam em suas aulas e dentro da escola de uma forma clara e simples, desmistificando a homossexualidade e tentando torná-la “normal” aos olhos dos alunos que ainda tinham dúvidas a esclarecer.

A educação sexual vem dessa forma, modificar a desigualdade e o preconceito. Dar margem a se debater e analisar os conteúdos dos programas oficiais no sentido de buscar respostas para a problemática sexual humana. Dar um enfoque libertador e não liberalizado do indivíduo, levando-se em conta a globalidade do mesmo, a dignidade da pessoa e os valores humanos universais e democráticos.

REFERÊNCIAS

ARANTANGY, Lúcia R. **Sexualidade: a difícil arte do encontro**. 3ª ed. São Paulo; Ática, 1997.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e Juventude: um programa educacional**. São Paulo; Cortez, 1998, 6 ed.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de Ciências para a educação básica**. Curitiba, 2006.

EGYPTO, A. C. (Org) **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: editora Cortez, 2003.

]

GIMENES, V.C.; RIBEIRO, P.R.M. Notas de um estudo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas concepções e vivências sexuais. **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão**. Araraquara: FCL/ Laboratório editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000, p. 39-67.

MAISTRO, V.I.A. **Projetos de Orientação Sexual nas escolas: seus limites e suas possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Editora Grupo Gay da Bahia. Salvador, 2003.

Ribeiro, P. R. M. **Sexualidade e Educação Sexual: Apontamentos para uma reflexão**. São Paulo – EPU, 1990.

Ribeiro, P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU. 1990.

SAYÃO, Rosely. **Sexo: prazer em conhecê-lo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

SERRÃO, M.; BALEEIRO, M.C. **Aprendendo a Ser e a Conviver**. FTD, 2 ed., 1999.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. 16 ed, RJ: Vozes, 1990.

TELES, Maria Luíza Silveira. **Educação, a revolução necessária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.